

# A representação da vida psíquica emergindo na análise de uma criança

Aparecida Angélica Defáveri<sup>1</sup>  
Raquel Andreucci Pereira Gomes<sup>2</sup>

*“Um ainda não é um: quando ainda faz parte com todos. Eu nem sabia.”  
(Guimarães Rosa, 1956)*

**Resumo:** As analistas fazem uma reflexão teórico-clínica sobre o material de uma criança que chegou para análise fazendo uso de defesas rígidas na tentativa de conter seus impulsos emocionais. Para isso, baseiam-se nos estudos de Bion, Winnicott, Ferro e Ogden, entre outros autores.

Na intimidade confidente de uma sessão, através do jogo simples e repetitivo de “fazer *slime*”<sup>3</sup>, a dupla vai construindo um espaço potencial. Assim, como numa obra de arte, o desconhecido, e ao mesmo tempo familiar, ganha representações através das texturas, das cores e das formas no campo afetivo da dupla, transformando as emoções da essência do viver.

**Palavras-chave:** Espaço potencial. Holografias afetivas e representação.

---

<sup>1</sup> Membro Associado da SBPSP.

<sup>2</sup> Membro Associado da SBPSP.

<sup>3</sup> Espécie de “massinha” que pode ser feita basicamente com cola escolar, bicarbonato de sódio e água boricada, com consistência para ser modelada.

## Introdução

Em um de seus últimos artigos Bion enfatiza que:

Quando dois caracteres ou personalidades se encontram, cria-se uma tempestade emocional. Se eles têm um contato suficiente para estarem seguros um do outro, ou mesmo se não estão seguros, um estado emocional se produz pela conjunção destes dois indivíduos, destas duas personalidades. A perturbação resultante é quase como algo que pudesse ser olhado necessariamente como uma melhoria no estado geral se eles nunca tivessem se encontrado. Mas já que eles se encontraram e desde que esta tempestade emocional ocorreu, as duas partes devem decidir *Como tornar proveitoso um mau negócio* (Bion, 1979, p. 467).

A partir dessa contribuição de Bion, acreditamos que o analista possa pensar o encontro analítico como valioso em todos os seus detalhes e particularidades, desde o que está mais aparente quanto ao que está por vir de uma mente. É com esse universo tenso do desconhecido que o analista, disponível e receptivo ao contato emocional, propicia ao paciente uma relação transformadora.

Em outro artigo, Bion (1985) aponta ao analista o quanto ele pode se deparar com fragmentos de uma época bastante primitiva da vida do analisando, na qual a memória, através de registros incompreensíveis e aterrorizantes, busca a possibilidade de construir formas de expressão ao invisível e oculto.

No momento em que a palavra vem a faltar e experiências primitivas ainda não simbolizadas podem emergir com ou sem contornos, tornando-as figuráveis, possíveis de simbolização, o analista no encontro analítico tem a oportunidade de experimentar um estado de mente capaz de propiciar uma condição criativa – terceiro analítico<sup>4</sup> – em que fragmentos de narrativas, palavras, ações e gestos possam se transformar em hologramas afetivos<sup>5</sup> no campo emocional. Para melhor ilustrar, apresentamos uma vinheta clínica da sessão de uma criança de 8 anos.

---

<sup>4</sup> Thomas Ogden (1996) considera o processo analítico como uma experiência dialética entre sujeito e objeto, ressaltando assim a ideia da intersubjetividade. Dessa forma, a inter-relação da subjetividade do analista e do analisando produz o terceiro analítico. O terceiro analítico não é apenas uma forma de experiência da qual participam analista e analisando; é ao mesmo tempo uma forma de vivenciar a eu-dade (uma forma de subjetividade), na qual (por meio da qual) analista e analisando se tornam outros, diferentes do que foram até aquele momento. O terceiro analítico geralmente se manifesta por meio de imagens, situações ou sentimentos produzidos na mente do analista no momento da sessão analítica. O analista capta o terceiro por meio de sua função reverie e verbaliza essa experiência. Desse modo, analista e paciente vivenciam o passado vivo do analisando surgido intersubjetivamente no terceiro analítico, possibilitando, dessa maneira, a elaboração e a transformação.

<sup>5</sup> Antonino Ferro (1998) – O conceito “holografia afetiva” nasceu do encontro entre a “não saturação” de Bion, a “personificação das partes cindidas” de Klein, o “campo” de Baranger e Corrao, da “micrometria do diálogo na sessão” de Libermann e Nissin, do “transformar-se dos personagens e das narrações de Gaburri, Di Chiara, e da necessidade do texto relacional exprimir emoções e afetos, de Ferro.

Raul (nome fictício) iniciou a análise há três meses, é o segundo filho, dentre dois irmãos. Nasceu de inseminação artificial e se desenvolveu normalmente até os 4 anos, ocasião em que a mãe percebeu que o filho começava apresentar tiques, principalmente o piscar dos olhos.

A mãe ficou atenta aos novos comportamentos que se apresentavam, como o passar as mãos pelas roupas com frequência, medo de ficar sozinho à noite, abotoar a camisa até a gola, apertar o cadarço do tênis ao máximo e abotoar os botões da bermuda ou da calça, deixando tudo bem justo ao corpo. Também preocupava muito os pais, o fato de Raul ser muito submisso aos apelos dos colegas.

Nos primeiros contatos, ao receber Raul em análise, ofereço-lhe uma caixa lúdica, contendo material variado e adequado à sua idade. Ele olha tudo que estava na caixa e depois de certo tempo interessa-se pela massa de modelar. Pergunta se pode usá-la e faz, rudemente, planetas que sofrem ataques de seres extraterrestres monstruosos, o que se repetira em mais duas sessões e o deixara visivelmente muito assustado, até que na terceira sessão surge em sua fala o seu gosto por *slimes*. Percebo que na relação viva da análise nasce a possibilidade de construir algo novo a partir da dupla que ali se constituía. Combinamos de providenciar o material, e assim na sessão seguinte começamos a fazer *slimes*.

### **Vinheta clínica**

Raul chega para a sessão e pergunta se eu havia comprado os ingredientes que faltavam. Ao vê-los demonstra contentamento e começa a produzir a *slime*, como um “bioquímico a manipular as substâncias em sua bancada de laboratório”.

Convida-me a participar e ver quem faz a melhor *slime*. Mede a cola, escolhe as cores de tintas e os potes, lava-os, conserta caixinhas de bicarbonato de sódio descoladas... Enfim, começamos a fazer, cada um de nós, uma *slime*. E assim mantivemo-nos por alguns minutos sempre trabalhando juntos. A minha *slime* foi feita com tinta amarela e a dele, com tinta azul.

A *slime* de Raul fica muito boa, ele reconhece. A minha fica um pouco dura, e ele sugere que eu ponha espuma de barbear, ela melhora e fica com uma flexibilidade adequada ao manuseio. Brincamos com elas, tocando, esticando e fazendo voltas. Ele resolve colocar água da torneira na dele, ela amolece e perde a consistência. Raul tem a ideia de colocar água boricada nela e a recupera, mas não fica tão boa quanto estava.

Ele me chama para fazer a brincadeira de fazer bolhas, não dá certo. Proponho que tentemos novamente, porém, as bolhas ficam pequenas e sem graça. Ele recolhe sua *slime* e diz:

R: *Vamos misturar?*

A: Sim, vamos.

Junta a minha *slime* com a dele e enrola uma com a outra, deixando-as bem entrelaçadas. Apanha um pouco de tinta, e diz:

R: *Olha! Vou pôr um pouco bem aqui no meio.*

A *slime* está linda, a minha amarela enroscada na dele azul, sem se misturar, cada uma guardando suas rajadas de cores. Ele abre um buracozinho no meio delas e põe um pouco de tinta vermelha. Torce a massa (*slime*) várias vezes e abre com os dedos virando-a de dentro pra fora, assim vão surgindo rajadas vermelhas entre as rajadas amarelas e azuis. As rajadas de tinta vermelha tinham uma textura um pouco mais mole, por serem somente de tinta. Raul, com ar de contentamento, vai falando:

R: *Olhe! Elas misturadas... Parece coração.*

A: De fato, você tem razão. Parece um coração.

R: *A gente mexe assim* (continua virando a *slime* na mão) *e sai segredos.*

A: De dentro... (Fazendo menção ao que sai de dentro da *slime* e dele também).

R: *Pra fora.*

A: Como nós dois fazendo *slimes* aqui... Você vai descobrindo que aí dentro de você, você gosta (pensei no coração) de vir aqui.

Ele faz uma expressão de riso. Percebo que está na hora de guardar o material e enquanto vou guardando, Raul vai até a gaveta e apanha a *slime* da sessão anterior. Enquanto amassa, diz:

R: *Essa ficou muito boa!*

A: Ficou mesmo, e você gostou muito dela, não é?

Ele me parece com saudade da sessão anterior ao não querer deixar a *slime*, mas a deixa no pote, parecendo-me demonstrar confiança no vínculo analítico. Volta para a *slime* misturada, coloca mais um pouco de tinta dentro dela e remexe, falando:

R: *É para ficar aqui dentro.*

A: Assim como eu devo guardar sua *slime*, lembrar-me de você e te esperar na semana que vem, não é?

Ele ri. Abre a porta e sai despedindo-se de mim.

## Considerações

Raul, nas primeiras sessões, tentou brincar com a massa de modelar industrializada que já estava na caixa lúdica. Mas não conseguiu dar continuidade à brincadeira. Conjecturamos a hipótese de que Raul, no início do atendimento, viveu uma experiência emocional ainda precoce para a sua condição psíquica, em relação às projeções massivas das suas fantasias internas (a brincadeira sobre os planetas que sofriam ataques de extraterrestres, provavelmente, desencadeou a angústia persecutória). Os mecanismos de defesa não foram suficientes, o que fez com que Raul, assustado, interrompesse seu brincar. Na primeira sessão era possível observar a angústia, a falha nos mecanismos de defesa e o sintoma: Raul ajustava toda a roupa, sentia-se apertado nela, parecendo buscar uma segunda pele (Bick, 1968) que contivesse as pulsões.

A analista foi sensível e empática aos movimentos psíquicos de Raul nas sessões iniciais. Percebeu que ainda era preciso construir um vínculo de confiança e, com sua *reverie* na transferência analítica, viabilizou a formação, passo a passo, de um continente firme e flexível para conter os impulsos emocionais do paciente. Portanto, era importante configurar, na experiência emocional, o espaço potencial (Winnicott, 1975), onde no campo analítico a criança pudesse viver o brincar criativo. As emoções poderiam ser vividas no jogo simbolicamente, ganhando assim representação psíquica para depois serem internalizadas.

Na experiência viva com a analista, surgiu nas conversas de Raul sua proposta para fazer *slime*, brincadeira muito simples a partir da mistura de ingredientes, que vai sendo construída na dupla; e por isso provavelmente tão atraente para Raul. A sugestão de Raul contém em si a expressão de um vínculo de confiança que estava sendo construído com a analista. A *slime* demora algum tempo para ser produzida; tornando-se, portanto, uma metáfora para o fato de que alguns processos psíquicos precisam de um “tempo” suficientemente bom, singular de cada um (e da experiência de cada dupla analítica), para serem constituídos.

Costa (2006) diz que as representações na arte têm a ver com as imagens “que invadiram a alma”. Elas são codificadoras das marcas mnêmicas com o arcaico, o primitivo, o recusado – raízes das amarras do corpo fixadas em algum ponto do desenvolvimento. Seu retorno é inevitável, pois possui a força do amarrado, que procura soltura em algum espaço ou lugar. Assim, quando algo nos faz sentir em excesso, para continuar sobrevivendo, rompe-se a barreira do eu e instala-se o sintoma.

A possibilidade de o paciente trabalhar com as imagens e formas de sua própria autoria pode fazer emergir fragmentos do seu ser. Aqui, foi de suma importância o respeito ao tempo do paciente e às suas necessidades, assim como a presença do analista. Presença na qual se alicerçou a possibilidade da criação de formas, cores, texturas e até uma história, pois, afinal, o paciente tinha, agora, para quem contar.

As imagens que surgem ao “fazer *slime*” geram nesse espaço transicional, um campo inconsciente, povoado de protoemoções, à espera de acolhimento para serem pensadas por seus protagonistas. Essas imagens entram em um funcionamento onírico e falam por elas e além delas; ou seja, dão origem a novas ramificações do campo, chamadas de derivados narrativos. É dessa forma que entendemos o conceito de holografias afetivas, descritas por Antonino Ferro.

Winnicott (1975) menciona que um paciente regredido está à beira de reviver situações de sonho e de memória, acrescentando que a atuação do sonho poderia ser o modo pelo qual se descobre o que é urgente, onde se procura outra chance de vivenciar uma situação traumática a ser representada, tornando-se psíquica.

A analista em um dado momento da sessão penetrou na realidade do paciente, vivenciando a experiência emocional em conjunto com ele; e a partir do que pôde ser representado psiquicamente, novas representações simbólicas vão surgindo. As imagens e formas foram surgindo, e seus fragmentos foram reconhecidos e paulatinamente integrados. A colheita de fragmentos ocorreu ao longo da análise, através das tintas, da argila, da *slime*. Isso permitiu a abertura de um espaço onde o paciente foi esboçando a riqueza interior de um mundo em que pudesse ser compreendido e visto como sujeito singular.

Como pudemos observar na sessão de Raul, a relação transferencial proporcionou um jogo simbólico de misturar *slimes*, criando texturas, elasticidade, espaços e novas cores, o que possibilitou também na intersubjetividade da dupla, o emergir da vida psíquica. No momento em que Raul brincou e moldou a *slime*, dizendo que era um “coração de onde saíam segredos”, mostrou-nos a esperança de encontrar na relação viva e pulsante com a analista a cumplicidade e a confiança no vínculo que se estabelecia. E esse vínculo transpareceu quando Raul, ao encerrar a sessão, olhou a *slime* da sessão anterior, hesitou em querer levá-la, mas decidiu deixá-la com a *slime* feita naquele dia. Colocou mais tinta nessa última e pôde confiar ao deixar que a analista guardasse para ele.

É necessário que se proponha a construção lenta e progressiva de uma “teia” feita com muito amor – talvez com o brilho dos olhos da mãe, de que

falava Winnicott – onde, pouco a pouco, possam emergir pequenas respostas e a afetividade possa romper devagarinho, tornando-se viva e retornando do campo no qual foi escondida.

Na experiência viva com a analista, o espaço potencial foi sendo construído, podendo conter as experiências primitivas e viabilizando o desenvolvimento de representações psíquicas no jogo simbólico de fazer *slimes*. Dessa forma, Raul poderia internalizar um espaço continente para conter suas ansiedades persecutórias que atormentavam sua mente e faziam-no refém dos seus sintomas. E é somente assim, no ir e vir do brincar analítico, em que os objetos e fenômenos transicionais estavam sendo inseridos e vividos criativamente, que é possível proporcionar à criança prosseguir seu desenvolvimento, com ferramentas psíquicas mais fortalecidas e apropriadas para lidar com suas angústias.

### **The representation of psychic life emerging in a child's analysis**

**Abstract:** The analysts make a theoretical and clinical reflection on the material of a child that has come to the analysis using rigid defenses in an attempt to contain his emotional impulses. For this, the analysts based it on the studies of Bion, Winnicott, Ferro, and Ogden, among other authors.

In the confidant intimacy of a session, through the simple and repetitive game of “making slime”, the pair brings forth a potential space. Thus, as in a masterpiece, the unknown and at the same time familiar, gains representations through textures, colors and shapes in the affective field of the pair, transforming the emotions of the essence of living.

**Keywords:** Affective holographs and representation. Potential space.

### **Referências**

Bick, E. (1968). The experience of the skin in early object-relations. *International Journal of Psycho-analysis*, 49 (2/3), 484-486.

Bion, W. R. (1979). Como tornar proveitoso um mau negócio. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 13(4), 467-478

Bion, W. R. (1985). Evidência. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 19(1), 129-141.

Costa, M. O. (2006). *De que cor será sentir? Método psicanalítico na psicose*. Barueri: Manole.

Ferro, A. (1998). *A sala de análise: Emoções, relatos, transformações*. Rio de Janeiro: Imago.

Ferro, A. (2005). *Fatores de doença e fatores de cura*. Rio de Janeiro: Imago.

Ferro, A. (2009). Transformações em sonho e personagens no campo analítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43(2), 89-107.

Levy, R; Keidann, C. E.; Dal Zot, F. S; Menegat, M. C. B; et al. (2013). Símbolo e/ou representação: Um mapeamento metapsicológico. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 20(3), 653-677.

Ogden, T. (1996). *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Rosa, J. G. (2001). *Grande Sertão Veredas*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.

Winnicott, D. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA  
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 19/08/2020

Aceito em: 13/10/2020

Aparecida Angélica Defáveri  
Av. Alfredo Vargas, 1.110  
36844-000 – Tombos – MG – Brasil  
E-mail: apangelica@hotmail.com